



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História

JULIA ROBERTA MELO RIBEIRO

**OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS E A REPRESENTAÇÃO DO
FEITICEIRO**

CAMPO GRANDE MS
2024



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História

JULIA ROBERTA MELO RIBEIRO

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS E A REPRESENTAÇÃO DO FEITICEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

CAMPO GRANDE MS
2024

BANCA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos – Orientador

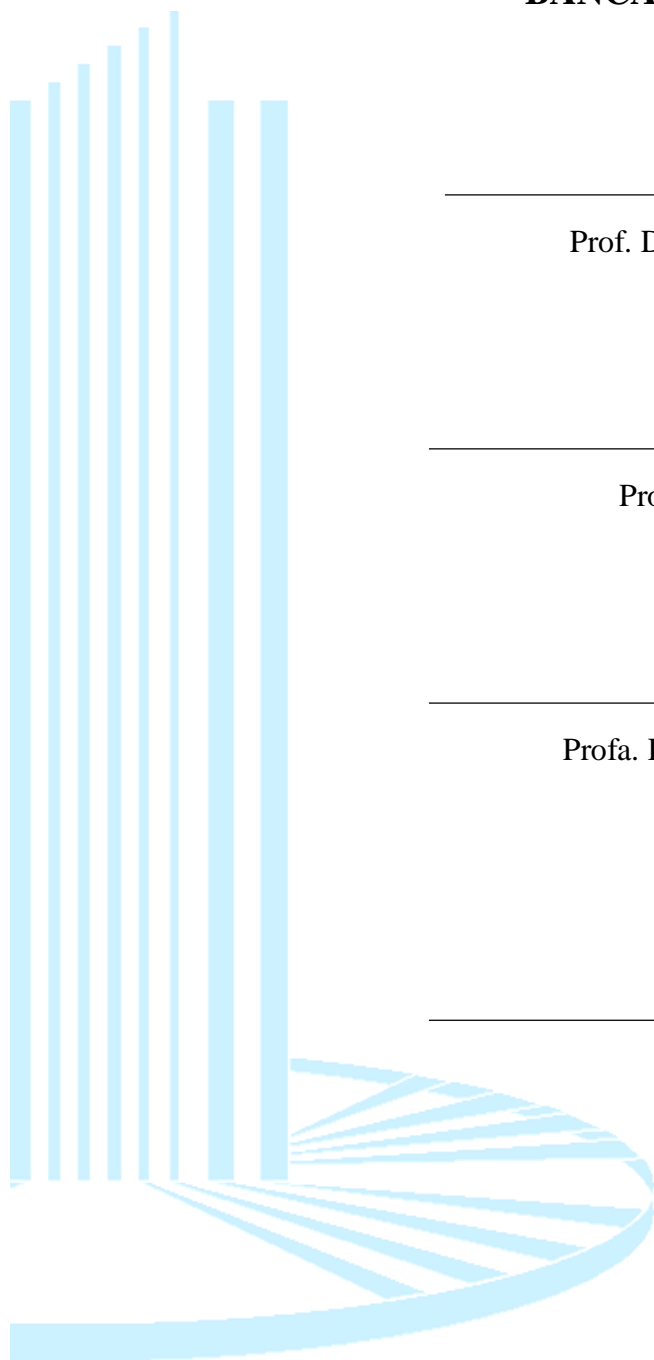
UFMS

Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva – Membro Titular

UFU

Profa. Dra. Cristina de Souza Agostini – Membro Titular

UFMS



AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos foram longamente esperados, pois representam a resposta à minha mais sincera oração: tornar-me professora de História e transformar vidas pela educação. Nessa jornada muitas pessoas se mostraram necessárias com seu apoio, inspiração e amizade. Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir chegar até aqui, guiando-me em cada difícil etapa dentro desses 4 anos e colocando em meu caminho indivíduos tão diferentes, mas igualmente importantes para a minha trajetória.

Gostaria de expressar meu mais profundo agradecimento ao meu orientador, Professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos. Seu entusiasmo em compartilhar conhecimentos e sua dedicação em meu desenvolvimento acadêmico foram essenciais para a construção deste trabalho e serão levados para sempre. Pesquisar, aprender e trabalhar com sua orientação foi um privilégio que me possibilitou ressignificar o que é ser um educador.

Os meus sinceros agradecimentos à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), elemento fundamental na minha formação. Além de oferecer uma excelente educação, essa instituição me proporcionou um ambiente onde pude expandir meus conhecimentos, explorar novas áreas e crescer profissionalmente. Aos meus professores, registro aqui meu sincero agradecimento.

Aos membros do laboratório de pesquisa ATRIVM, minha sincera gratidão. Representam para mim verdadeiros amigos que sempre estiveram ao meu lado. Suas indagações e sugestões sinceras foram cruciais para aprimorar esta pesquisa, tornando o ambiente de trabalho inspirador e colaborativo. Sem essa rede de apoio este trabalho certamente não teria sido possível.

Agradeço profundamente à minha família, especialmente aos meus irmãos, que me apoiaram incondicionalmente durante essa difícil jornada. Ao meu pai, cuja sabedoria iluminou meus caminhos e orientou minhas decisões, e, acima de tudo, à minha mãe, Maria Lucia Bezerra de Melo. Como o meu maior exemplo de perseverança e dedicação, sua força e coragem são inspirações que levo comigo. Por fim, sou imensamente grata ao meu namorado, Victor Hugo Coura Mançaneira, meu maior incentivador. Seu amor, apoio, e compreensão foram fundamentais para que eu pudesse perseverar nesta jornada. Em cada etapa, pude contar com sua presença e dedicação, tornando tudo mais possível e significativo.

Aos pesquisadores que são membros da banca de TCC pelas análises e contribuições para a minha formação como profissional.

A todos vocês, o meu sincero e profundo agradecimento.

RESUMO

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS E A REPRESENTAÇÃO DO FEITICEIRO

Esta pesquisa tem como objetivo explorar as complexas relações culturais e étnicas no Egito Antigo sob domínio romano, com ênfase nas interações entre egípcios, gregos e romanos e na hierarquização social que favorecia elites estrangeiras. O estudo analisa a prática da magia como um aspecto essencial da cultura antiga, especialmente registrada nos Papiros Mágicos Gregos (PGM), documentos que revelam a diversidade religiosa e mágica do período. São apresentadas publicações e traduções relevantes para ampliar o entendimento da magia na Antiguidade como prática sociocultural significativa. No contexto latino-americano, destacamos a tradução dos PGM para o espanhol, que facilita o acesso ao tema, embora a ausência de versões em português ainda limite o estudo entre pesquisadores lusófonos. Também é analisado o papel dos feiticeiros nos PGM como mediadores entre o natural e o sobrenatural, com destaque para a importância das práticas mágicas na vida cotidiana do Egito romano. O objetivo final é democratizar o conhecimento sobre as práticas mágicas e religiosas no Egito romano, ampliando recursos para o ensino e a pesquisa e promovendo uma análise histórica dos Papiros Mágicos Gregos (PGM) como fonte para a compreensão da complexidade cultural e das interações sociais da Antiguidade.

Palavras-chave: Egito Romano; Papiros Mágicos Gregos; Magia Antiga; Feiticeiros.

ABSTRACT

THE GREEK MAGICAL PAPYRI AND THE REPRESENTATION OF THE SORCERER

This research aims to explore the complex cultural and ethnic relations in Ancient Egypt under Roman rule, with an emphasis on the interactions between Egyptians, Greeks and Romans and the social hierarchization that favored foreign elites. The study analyzes the practice of magic as an essential aspect of ancient culture, especially recorded in the Greek Magical Papyri (PGM), documents that reveal the religious and magical diversity of the period. Relevant publications and translations are presented to broaden the understanding of magic in antiquity as a significant socio-cultural practice. In the Latin American context, we highlight the translation of the PGMs into Spanish, which facilitates access to the subject, although the lack of Portuguese versions still limits study among Portuguese-speaking researchers. We also analyze the role of sorcerers in the PGMs as mediators between the natural and the supernatural, highlighting the importance of magical practices in everyday life in Roman Egypt. The final objective is to democratize knowledge about magical and religious practices in Roman Egypt, expanding resources for teaching and research and promoting a historical analysis of the Greek Magical Papyri (PGM) as a source for understanding the cultural complexity and social interactions of Antiquity.

Keywords: Roman Egypt; Greek Magical Papyri; Ancient Magic; Sorcerers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A HISTORIOGRAFIA SOBRE OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS	17
	2.1 Os papiros mágicos na Antiguidade	18
	2.2 Os primeiros estudos sobre os papiros	21
3	A ESTRUTURA DAS TRADUÇÕES SOBRE OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS	24
	3.1 Obras fundamentais	24
	3.2 Estrutura das traduções	28
	3.3 A representação do feiticeiro	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

As diferentes relações étnicas e culturais no Mundo Antigo são há muito tempo discutidas e estudadas no meio acadêmico. A relação que essa pluralidade estabelece no entendimento do mundo grego, egípcio e romano faz-se de suma importância na compreensão dos elementos políticos, sociais e religiosos dessas regiões em determinados períodos históricos. Pensando no Egito Romano, nota-se a incorporação de segmentos da elite tanto greco-macedônica quanto romana no cenário de dominação e, posteriormente, na transformação do Egito. O domínio romano trouxe uma série de alterações nas perspectivas sociais da região, construindo uma população diversificada e altamente hierarquizada, de modo a conceder privilégios à população grega residente no Egito, enquanto os nativos viam-se cada vez mais subordinados ao império de Roma. Nesse sentido, o aspecto religioso foi um elemento amplamente difundido durante esse período, uma vez que a incorporação de diferentes formas de culto e práticas mágicas acarretou uma interação cultural entre diversos povos e regiões.

Quando se fala em magia na Antiguidade, muitos estigmas são incorporados às mentalidades sociais. Para a Antiguidade, a adoção de práticas mágicas, feitiços, amarrações e maldições faziam parte da concepção cultural de cada povo; essas práticas incorporavam-se à vida cotidiana das pessoas e serviam a inúmeras finalidades. Dessa forma, partilhamos das premissas de Carlos Campos: “Dessa forma, compreendemos a magia como um conjunto de palavras, técnicas e performances que foram produzidas para manipular desejos, contextos e energias, assim visando um fim vantajoso para o(s) solicitante(s)” (Campos, 2022, p.26).

Em consequência disso, durante o Principado Romano a magia se configurou como um importante saber, oferecendo a seus praticantes conhecimento e poder (Campos, 2022). Conforme apontado por Semíramis Corsi Silva (2014, p. 161) tal poder gerou determinado prestígio social a certos agentes mágicos, exercendo cargos de importância no Império Romano como conselheiros de governantes e despertando sentimentos duais como admiração e repúdio, que viriam mais tarde a motivar formas de punição sobre essa prática, gerados pelo temor, reflexos que até hoje são difundidos na sociedade.

Grande parte do que hoje se sabe sobre esses ritos está inscrita nos Papiros Mágicos, documentos antigos que remontam diretamente à metodologia utilizada para essas práticas. Dessa forma, o objetivo inicial desta pesquisa situa-se no levantamento

historiográfico sobre os papiros mágicos gregos, com vistas à compreensão de sua historicidade como foco de pesquisa, assim como à compreensão da estrutura das traduções, relacionando esses trabalhos ao contexto de sua produção entre o I a.C. e o IV d.C.

Os papiros utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa referem-se à coleção PGM – Papiros Mágicos Gregos. A partir da análise das práticas mágicas greco-egípcias presentes nesse documento, busca-se compreender a estrutura religiosa e social dessas culturas, visando instaurar uma perspectiva histórica sobre o remodelamento dessas práticas nos dias atuais, de modo que a construção de estereótipos sobre o conceito de magia seja evitada, permitindo uma compreensão que transcenda o senso comum e que reconheça a magia como uma estrutura que, por milênios, fez parte da vida cotidiana das pessoas, sendo ressignificada e condenada por outros povos tanto na Antiguidade quanto fora dela.

O Egito greco-romano caracteriza-se, principalmente, como um espaço de circulação de culturas, baseado em uma lógica hierarquizada politicamente. Nesse sentido, conceitos como identidade cultural e etnicidade podem ser pensados considerando-se esse período de contato multicultural entre povos, que, por meio de fronteiras étnicas mutáveis, desenvolveram processos intensos de sociabilidade, preservando alguns de seus costumes ao passo que alteravam outros elementos culturais romanos, egípcios e gregos. O Egito foi uma província romana por aproximadamente quatrocentos anos, de 30 a.C. a 395 d.C. (Vasques, 2005, p. 22). Durante esse período, a imigração tanto grega quanto romana ocorreu de forma sistemática, contando, também, com altos funcionários do Império e o exército romano. Dessa forma, o Egito passou a integrar uma gama cultural ampla, trazendo questionamentos sobre quem era considerado romano, grego ou egípcio dentro dessa perspectiva, haja vista que a etnicidade é uma consciência da identidade de um grupo em relação a outros grupos (Vasques, 2005, p. 22). Durante o domínio romano, as elites locais exerceram um papel importante na manutenção do poder do Império, de tal forma que a cooptação das elites pelo governo, visando obter vantagens como a cidadania romana para uma elite grega em contraposição aos povos egípcios nativos, tornou-se uma estratégia política eficaz. Com isso, compreende-se que “[...] os critérios de etnicidade também variam conforme o lugar e o período histórico” (Vasques, 2005, p. 23).

Ademais, com o princeps romano Augusto, o Egito passou a ser uma província imperial romana, trazendo mudanças no cenário político egípcio. Uma dessas mudanças

foi a divisão do território administrativamente em três partes: a Tebaida (Alto Egito), a Heptanômia (Médio Egito) e o Delta (Baixo Egito), todos governados por um epistratego – que exercia função militar e civil no período ptolomaico e apenas função civil no domínio romano. Ao se analisar a dominação romana no Egito e a extensão de seu poder, dois fatores devem ser considerados: (1) a forte presença do exército romano e (2) a cooptação das elites locais, que, em troca de privilégios sociais que legitimassem seu status quo, colaboravam com a legitimação do poder romano. Assim, compreende-se a importância atribuída à cidadania romana, pois, a partir dela, propagava-se uma hierarquia social na qual os gregos, apesar de estrangeiros, detinham privilégios políticos, sociais e econômicos amplamente difundidos em detrimento dos próprios egípcios nativos. A etnicidade foi usada pelos romanos com finalidades políticas, funcionando como um meio de ascensão social (Vasques, 2005, p. 16).

Esse contato entre romanos, egípcios e gregos fez com que elementos culturais fossem alterados entre os povos. Tal processo, segundo Marcia Severina Vasques (2005), não se caracterizou simplesmente pela adoção rigorosa de elementos grego-romanos, mas sim por uma reelaboração das práticas usuais no convívio social dentro da estrutura egípcia. A relação do domínio imperial com os templos é um exemplo disso, uma vez que “[...] Todas as atividades desenvolvidas nas cidades, no período faraônico, dependiam dos templos, que eram grandes centros administrativos, instituições políticas e econômicas com terras e rendas próprias” (Vasques, 2005, p. 18). A partir disso, os governantes romanos passaram estrategicamente a conceder a administração dos templos às elites gregas.

No que concerne às manifestações religiosas no Egito Romano, tem-se que, apesar das transformações trazidas por Augusto no cenário político da região, “[...] os romanos adotavam a política de não intervenção nos assuntos religiosos locais, desde que não interferissem na política e na administração das províncias” (Vasques, 2005, p. 24). Isso colaborou para que hoje as pesquisas históricas possam especificar elementos de cada cultura, ainda que não signifique que não houve reformulações de fenômenos egípcios. Uma das inovações trazidas pelo Império, no viés religioso, consiste na diferenciação de nomenclatura dos faraós romanos, sendo utilizado apenas um nome para designá-los como imperadores. No final do período ptolomaico e início do romano, as famílias sacerdotais controlavam os templos; posteriormente, esses templos passaram a depender diretamente da elite local, resultando no enfraquecimento dessa instituição, cujo declínio tornou-se visível por volta do século III d.C.

Segundo Alston (2002:273), o declínio dos templos não foi uma ideia proposital da elite [...], para ele, a elite falhou em mobilizar sustento para os templos tradicionais frente ao cristianismo (Vasques, 2005, p. 25).

Dessa forma, as práticas religiosas egípcias, diante do enfraquecimento dos templos, tiveram que se adaptar em dois níveis: os sacerdotes passaram a transmitir o ofício de forma ambulante, e os cultos, antes realizados em templos nacionais e regionais, passaram a ser realizados no âmbito doméstico. Esse enfraquecimento das instituições templárias e a consequente adaptação das práticas religiosas ao âmbito doméstico refletem um processo de reconfiguração cultural e religiosa significativo no Egito Romano. Nesse contexto, vê-se o surgimento dos PGM, evidenciando a transferência e preservação de conhecimentos de maneira mais intimista e particularizada. A produção desses textos ocorre em um momento de transição, no qual o enfraquecimento das estruturas formais de culto transformam profundamente a dinâmica religiosa local. Assim, os PGM não apenas oferecem um vislumbre das práticas mágicas e religiosas desse período, mas também representam um elo entre o saber tradicional e as novas formas de vivência religiosas que emergiam na sociedade.

Esta pesquisa teve como objetivo propor um levantamento historiográfico sobre as estruturas dos Papiros Mágicos Gregos, com o intuito de contribuir para a popularização dos estudos sobre magia na Antiguidade e ampliar o acesso às pesquisas papirológicas. Ao abordar de forma cronológica as visões historiográficas sobre esses documentos, a pesquisa visou contextualizar as transformações ocorridas no cenário religioso egípcio, especialmente em função da dominação romana. Dessa forma, buscou-se associar a interação entre povos de diferentes regiões e culturas, destacando a crença mágica como um elemento comum, essencial para compreender a importância das relações multiculturais no desenvolvimento das sociedades antigas. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para os estudos da magia na Antiguidade, promovendo um conhecimento mais amplo dos documentos papirológicos, que possam ser mais popularmente compreendidos em uma conjuntura histórica, e não pautados no senso comum sobre as práticas religiosas greco-egípcias.

Tendo em vista, nas últimas décadas, a insurgência de uma nova geração de pesquisadores preocupados com a diferenciação cultural, política e religiosa entre o Egito ptolomaico e Egito greco-romano, um amplo cenário para o estudo de egiptólogos e

romanistas é criado, entretanto, poucas foram as teses e dissertações desenvolvidas relativo às práticas mágicas durante esse período.

No que se refere a quantificação dessas pesquisas, identifica-se uma escassez, no Brasil, que permeia o estudo da magia antiga, principalmente ao se tratar da influência greco-egípcia perante a dominação romana. Tendo por fonte o catálogo de teses da CAPES, tem-se que sobre “magia-greco-egípcia” são cerca de 18 os trabalhos realizados, a respeito dos “papiros mágicos greco-egípcios” esse número cai para 2 e por fim, sobre “Egito Romano” pouco mais de 10 teses podem ser encontradas na plataforma¹. Com isso compreende-se a necessidade de se desenvolverem pesquisas aprofundadas sobre o tema que levem a novas perguntas e questionamentos.

Entre as pesquisas utilizadas na construção da temática desta monografia, é relevante destacar a contribuição de Júlio Cesar Mendonça Gralha (2009) no que diz respeito aos estudos sobre o Egito Romano. Em sua obra *A Legitimidade do Poder no Egito Ptolemaico: Cultura Material e Práticas Mágico-religiosas*, Gralha propõe estabelecer uma relação entre cultura e magia para explorar a singularidade do Egito Ptolemaico sob a dominação romana e grega. O autor argumenta que a materialidade mágico-religiosa expressa pelas dinastias egípcias é traduzida por meio da iconografia, integrando elementos da arqueologia cognitiva e da história cultural para fundamentar sua tese. No Brasil, pesquisas de Ana Paula Scarpa, como o artigo *Práticas Mágico-religiosas no Egito Romano: uma análise dos papiros mágicos greco-egípcios* (PGM), têm papel essencial no estudo dos papiros mágicos greco-egípcios, sendo a coleção PGM também utilizada como fonte para esta pesquisa. O estudo “[...] apresenta as práticas atestadas nos Papiros Mágicos Greco-Egípcios (PGM) à luz do contexto local de reordenação político-administrativa do Egito Romano e dos processos mais abrangentes de interações culturais no leste mediterrânico que o antecederam” (Scarpa, 2021, p. 37). Em relação à magia greco-egípcia, a obra de Marcia Severina Vasques, *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia* (2005), enriquece a análise das relações culturais nas práticas mágicas e fúnebres, ampliando o entendimento das questões sociais e políticas do período.

¹ Vide mais informações sobre os trabalhos em: (AZEVEDO, 2015); (BANDEIRA, 2020); (BOCAYUVA, 2020); (CARDOSO, 2016); (CAMPOS, 2021); (CANDIDO, 2001); (CASTRO, 2018); (CRUZ, 1992); (GRADIM, 2019); (GRALHA, 2009); (LOBIANCO, 2006); (MACHADO, 2019); (NETO, 2017); (PEREIRA, 2019); (SANTOS, 2002); (SEEHAUSEN, 2015); (SILVA, 2007); (SILVA, 2009); (SILVA, 2013); (VASQUES, 2000); (VASQUES, 2006); (TOLFO, 2020).

De igual relevância para a construção dessa pesquisa o trabalho de Hariadne da Penha Soares (2020) relativo a formação e emergência dos sacerdotes-magos egípcios como *theioi andres*, homens divinos, e sua atuação como agentes de poder no Egito tardio entre os séculos III e V d. C., através dos PGM. Em *A atuação dos magos e adivinhos como theioi andres no Egito tardo-antigo: práticas e rituais de adivinhação nos Papiros Mágicos Gregos (séc. III e IV)*, a autora explora, por meio do estudo dos PGM, como esses sacerdotes-magos consolidaram sua posição como figuras de autoridade espiritual e social em um período de intensas transformações religiosas, marcado pelo declínio dos templos tradicionais e pela ascensão romana. Ademais, a pesquisa de Patrícia Schlithler da Fonseca Cardoso (2016), intitulada *Voces Magicae: o poder das palavras nos Papiros Gregos Mágicos*, representa uma importante base a respeito dos estudos de como as palavras, fórmulas e invocações, conhecidas como *voces magicae*, eram concebidas, nos Papiros Mágicos Gregos, como elementos essenciais no estabelecimento de uma conexão com o divino, na manipulação de forças sobrenaturais e na realização de rituais mágicos. Por fim, o estudo de Giovana da Rosa Carlos, intitulado *Papiros Mágicos Gregos: perspectivas de estudo em torno do Grande Papiro Parisino*, composto no livro *Fronteiras Culturais no Mundo Antigo: Ensaio sobre Identidades, Gênero e Religiosidade*, mostrou-se uma importante base para os estudos papirológicos. Neste trabalho, a autora analisa o Grande Papiro Parisino (PGM IV), um dos mais extensos e significativos manuscritos do corpus dos PGM, destacando sua diversidade de conteúdos, que incluem invocações, rituais de proteção, feitiços amorosos, e instruções para comunicação com o divino. A autora enfatiza o caráter multifacetado dessas práticas, demonstrando como elas refletem a complexidade cultural do Egito helenístico e romano, onde tradições gregas, egípcias e orientais se entrelaçavam.

As teses e dissertações aqui referenciadas serviram como base para compreender diferentes campos dos estudos sobre Magia, Papiros e Egito Romano, elementos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. A partir de conceitos como a influência dos cultos egípcios na sociedade romana e o processo de romanização do Egito, construiu-se o quadro teórico deste projeto. Observou-se, também, uma carência de estudos sobre os elementos mágicos gregos e egípcios sob dominação romana, o que sugere que a sociedade romana tenha estabelecido uma nova ordem religiosa. Este fenômeno, no entanto, contrasta com a política romana de manutenção do poder por meio de sincretismos culturais, evidenciando a relevância do tema para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais da época.

A prática da magia, difundida entre várias sociedades, variava em suas formas, mas mantinha o objetivo comum de alterar eventos por meio de forças sobrenaturais. Segundo Semíramis Corsi Silva (2014, p. 145), as práticas mágicas remontam aos tempos mais antigos e não foram "criadas" no sentido convencional, pois "A magia nunca teve origem, nunca foi construída ou inventada. Toda magia sempre 'foi', desde o começo, um auxiliar essencial de todas as coisas [...]" (Malinowski, 1984, p. 78). Dessa maneira, a magia é compreendida como um fenômeno sociocultural onipresente e inerente às estruturas sociais, mais do que uma criação específica de uma cultura.

A incorporação de práticas mágicas pelos romanos era notável e amplamente difundida, conforme evidências literárias e arqueológicas mostram suas diversas formas a partir do Principado Romano. Segundo Silva (2014, p. 145), o estudo científico da magia adquiriu relevância no campo da Antropologia Cultural, que busca entender a diversidade cultural por meio de símbolos, práticas religiosas e comportamentais. Antropólogos também analisaram as fronteiras entre magia e religião e os estigmas associados à magia, muitos dos quais enraizados no senso comum atual devido à influência histórica de instituições como a igreja.

Nas teorias sobre magia, Carlos Eduardo da Costa Campos (2022, p.27) menciona que James Frazer buscou compreender a razão da crença em sua eficácia, contrastando magia e religião. Enquanto a religião pressupõe a existência de poderes sobrenaturais que controlam a natureza, a magia acredita que a natureza pode ser alterada por leis manipuláveis. Campos (2022, p.27-36) destaca que Frazer foi seguido por antropólogos como Malinowski, Mauss e Lévi-Strauss, que estudaram o papel social da magia, enfatizando a crença coletiva em suas práticas. Dessa forma, compreendemos que para Lévi-Strauss, por exemplo, a eficácia da magia depende de três fatores: a crença do feiticeiro, a crença do enfeitizado e a crença coletiva na magia (Campos, 2022, p.35).

Os Papiros Mágicos Gregos referem-se a uma coleção de textos sobre práticas mágicas do Egito Greco-romano, caracterizada por irregularidades nas traduções, estruturas e interpretações. No entanto, são documentos de extrema importância para o estudo da magia na Antiguidade, especialmente no que diz respeito às interações culturais e religiosas descritas nas inscrições. A escrita desses papiros abrangeu um amplo período, do século I a.C. ao V d.C., embora a maioria dos exemplares date do período da dominação romana no Egito (Scarpa, 2019, p. 10). Estruturalmente, os PGM são divididos em dois grandes grupos: o primeiro, que compreende até o papiro XIV, contém extensões

superiores a 60 linhas (com algumas exceções), sendo que os treze primeiros são considerados os mais completos e significativos (Martinez; Romero, 1987, p. 12).

Os papiros de Berlim (I e II) são pergaminhos com 347 e 183 linhas, respectivamente, ambos datados do século IV d.C. O papiro III, conhecido como Papiro Mimaut, é um opistógrafo dividido em quatro partes, enquanto o Papiro IV, ou Grande Papiro Mágico de Paris, encontrado em Tebas e posteriormente leiloado, possui 3.274 linhas e 36 páginas escritas em ambas as faces, em formato de livro. Esse último inclui a "Liturgia de Mitra" — nomeação proposta pelo pesquisador Albrecht Dieterich em 1903 — e é considerado um dos papiros mais completos da coleção, com descrições detalhadas de fórmulas mágicas (Martinez; Romero, 1987).

Os papiros V e VI, adquiridos pelo Museu Britânico em 1839, complementam-se ao trazer uma invocação ao Deus Apolo-Hélios. O papiro VII, também do Museu Britânico, é um rolo opistógrafo que funciona como um verdadeiro manual do mago, dada a quantidade de práticas descritas. Já os papiros VIII, IX, X e XI, adquiridos pelo mesmo museu em 1888, têm menor extensão (Martinez; Romero, 1987).

O papiro XII, ou Grande Papiro de Leiden, é um dos mais importantes da coleção, encontrado em uma tumba junto ao papiro XIII. Ele aborda diversos elementos das religiões egípcias antigas, incluindo o mito do olho do sol, e é notável pela sua conservação, com 485 linhas em 3,60 metros. O papiro XIII, ou Grande Papiro Demótico, também é significativo, promovendo intensas discussões e interpretações. A partir do papiro XIV, a coleção se diversifica quanto ao material, tamanho e localização, o que altera consideravelmente o padrão estrutural desses documentos mágicos (Martinez; Romero, 1987).

Quanto ao período de inscrição dos papiros, há variações substanciais, visto que foram reunidos após a sua escrita. Como não há papiros datados após o século IV d.C., sabe-se que a produção desses documentos abrangeu os quatro primeiros séculos da nossa era. A escassez de traduções dos PGM representa um desafio para os pesquisadores, uma vez que os textos, escritos em grego antigo e demótico, têm poucos tradutores. A primeira tradução para o inglês de pequenos papiros foi realizada na Alemanha por Karl Leberecht R. Preisendanz. Posteriormente, a primeira tradução em espanhol, acompanhada de estudos, foi feita por Luis Calvo Martinez e M. Dolores Sanchez Romero, sendo essa obra a base para esta pesquisa, dada a ausência de traduções para o português. As notas mais relevantes dessa tradução incluem:

Nossa tradução é, obviamente, direta do grego, exceto pelos pequenos fragmentos coptas, que às vezes são inseridos no meio de uma prática mágica, para a qual seguimos a tradução alemã de A. Jacoby (Martinez; Romero, 1987, p. 48).

A ordem dos papiros é a mesma dos PGM, e também mantemos a numeração das linhas, que é a que costuma ser citada juntamente com o número do papiro (Martinez; Romero, 1987, p. 48).

Quando há nomes de deuses entre as palavras mágicas, colocamos em letras maiúsculas, embora em alguns casos possa ser discutível se é uma palavra mágica ou o nome de um deus que desconhecemos (Martinez; Romero, 1987, p. 48).

A defasagem dessas transposições linguísticas, seja pela antiguidade das línguas envolvidas, seja pelo número restrito de pesquisadores na área, torna o estudo sobre a magia grega e egípcia ainda mais complexo. No entanto, as traduções dos papiros atualmente disponíveis reiteram a importância de analisá-los enquanto fontes primárias da Antiguidade, diferentemente da literatura, pois representam práticas efetivamente usuais do período em questão. A tradução de Martinez e Romero é um documento de extrema relevância para a popularização dos estudos sobre magia na Antiguidade, especialmente no contexto americano. A obra *Textos de Magia em Papiros Gregos* apresenta alta precisão em relação às fontes originais, mantendo a ordem, o número de linhas e as citações de cada papiro. As práticas são rigorosamente descritas, com fórmulas que incluem nomes dos deuses invocados de forma clara e concisa. A metodologia adotada para esta pesquisa consiste no levantamento historiográfico, juntamente com o debate historiográfico para a compreensão das diferentes perspectivas dos autores sobre o tema.

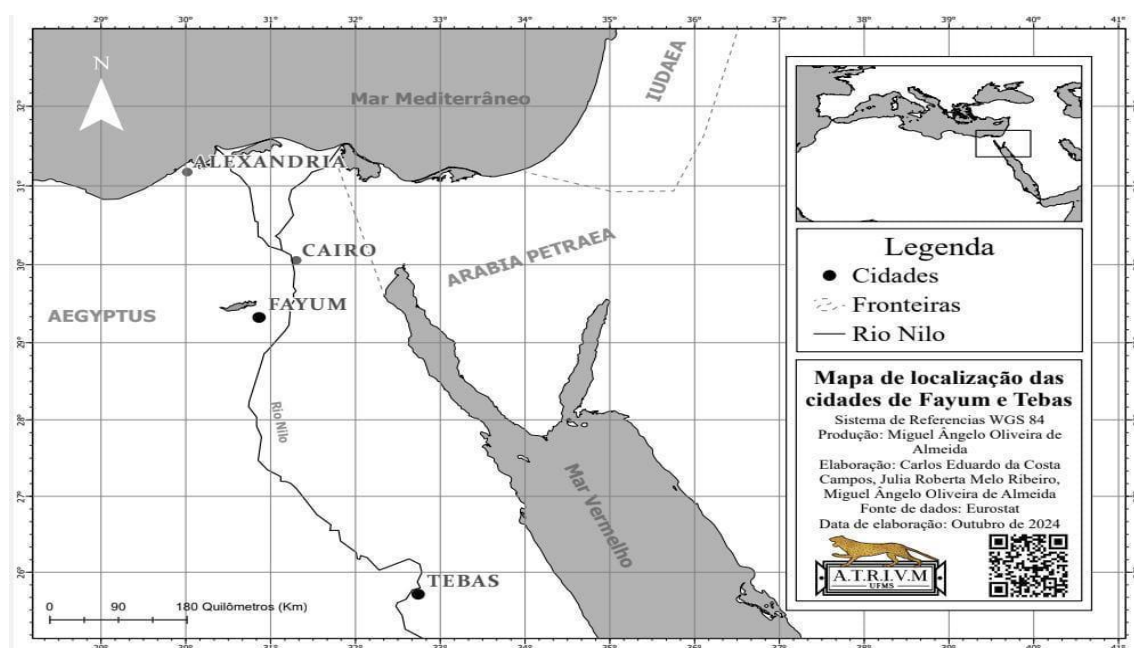
Vale mencionar que o trabalho foi estruturado nesta introdução e mais dois capítulos, além da conclusão. O capítulo 2 foi intitulado *A Historiografia sobre os Papiros Mágicos Gregos* e aborda a trajetória histórica e o desenvolvimento dos estudos sobre os papiros mágicos gregos. Tais textos que registram práticas mágicas do período greco-romano no Egito. No capítulo 3 que foi denominado de *A Estrutura das Traduções sobre os Papiros Mágicos Gregos*, o foco se volta para o estudo das traduções desses documentos, organizando-se em três seções principais. Por fim, o capítulo explora a figura do feiticeiro representado nos papiros, discutindo como a tradução moldou as percepções sobre a função e a imagem desses praticantes de magia na Antiguidade

2 A HISTORIOGRAFIA SOBRE OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

2.1 Os Papiros Mágicos na Antiguidade

Os Papiros Mágicos Gregos (PGM)² constituem uma extensa coleção de escritos mágicos, abrangendo feitiços, fórmulas, instruções para práticas rituais, confecção de amuletos e remédios, invocações a deuses, oráculos, entre outros elementos essenciais para a análise do papel da magia na Antiguidade. Esses documentos apresentam um amplo recorte cronológico, englobando, segundo Ana Paula Scarpa (2021, p. 40), “do século I a.C. ao século V d.C., com uma concentração especial de produção nos séculos III e IV d.C.”

Estruturalmente, os PGM são divididos em dois grandes grupos. O primeiro inclui os papiros de I a XIV, que mantêm um padrão estrutural comum, com mais de 60 linhas (com poucas exceções). O segundo grupo abrange os papiros a partir do XV, que divergem desse modelo anterior. Segundo Luis Calvo Martinez e Dolores Sanchez Romero (1987, p. 12), os treze primeiros papiros formam o grupo mais extenso, completo e significativo em conteúdo. Embora muitos desses manuscritos estejam atualmente na Europa, sua produção e descoberta remetem ao Egito, nas regiões de Tebas e Fayum, sendo majoritariamente redigidos em grego antigo, demótico e copta.



² Primeira publicação em referência ao tema, intitulada *Papyri Graecae Magicae*, estabeleceu a popularidade da sigla PGM, atualmente utilizada por pesquisadores como abreviação entre diferentes idiomas.

Mapa 1 – Mapa das principais regiões de circulação dos Papiros Mágicos Gregos.³

Nesse sentido, os papiros representam mais do que uma base religiosa e de poder; eles também refletem os resultados das interações culturais entre gregos, egípcios e romanos, visto que uma parte significativa desses documentos remonta ao período de dominação romana no Egito. Para analisar o papel dos PGM na Antiguidade e seu impacto no mundo contemporâneo, alguns conceitos exigem uma contextualização mais aprofundada. Primeiramente, o conceito de magia necessita ser explorado para responder a questões fundamentais à interpretação dos PGM, tais como: o que é magia? Como ela é representada nos papiros? Qual é a importância dessa prática no contexto cultural da época?

O conceito de magia comporta uma pluralidade de significados, que variam conforme o contexto. Ao longo dos séculos, essa prática refletiu distintos aspectos da sociedade, evidenciando transformações nas estruturas sociais, culturais, religiosas e políticas. Segundo Patrícia Schlithler da Fonseca Cardoso (2016, p. 11), tradicionalmente, “magia” é definida em oposição à “religião”; enquanto a religião possui um status social legítimo, a magia é vista como uma espécie de religião ilegítima. Considerando o senso comum, magia e religião diferenciam-se pela legitimidade atribuída a uma prática por determinado grupo associado ao poder. No entanto, essa concepção contrasta tanto com os estudos atuais da História da Magia quanto com a representação da magia nos Papiros Mágicos Gregos na Antiguidade.

Os povos que formaram a cidade de Roma e compuseram o início do Império Romano traziam em sua bagagem cultural a magia. De acordo com Semíramis Corsi Silva (2014, p. 149) os romanos que nos legaram textos e leis escritas faziam uma diferenciação entre a magia popular considerada maléfica e charlatã (*goēteia*), associada a viagens ao inferno e práticas mediúnicas, e a incorporada em rituais de deuses da religião oficial romana (*teúrgica*). É também evidente que as interações com as práticas gregas de *goēteia* e Cultos de Mistério aparecem como uma matriz constituinte da tradição mágico-religiosa atestada nos PGM [...] (Scarpa, 2021, p. 41). Com isso, dado o impacto cultural de dominação romana no Egito, compreende-se que as fronteiras de magia e religião para os romanos eram dificilmente apreendidas, posto que ambas se associavam às relações de poder que consolidaram a formação do Império, na realidade, a diferença entre elas está

³ Mapa de autoria de Carlos Eduardo da Costa Campos, Julia Roberta Melo Ribeiro e Miguel Ângelo Oliveira de Almeida.

na característica da autoridade de quem a professa, assim, o religioso admite uma devoção sobrenatural enquanto o mago ordena a tais seres que façam a sua vontade.

Posto tais fatores, pode-se conceituar magia, conforme citado por Asher Brum e Oclécio Alves Cabral Filho (2023, p. 17), como um ritual motivado por uma intencionalidade desejanste cuja finalidade reside na obtenção de determinados objetivos, efeitos ou finalidades requeridas pelo operador da magia para si ou para outrem (Bernard; Spencer, 2002). Nesse sentido, compreende-se a magia enquanto fenômeno sociocultural inerente à formação estrutural das sociedades e independente do tempo e espaço, dessa forma, essa prática não representa a criação de uma cultura específica difundida para as demais, mas sim uma manifestação natural e onipresente.

A partir dessa concepção percebe-se como a magia é representada nos PGM. A noção generalizante de que a magia detém, exclusivamente, características malélicas ou manipulatórias, consequência da percepção de *goēteia* trazida pelos romanos e imposta pelo senso comum, é contraposta no próprio texto papirológico, envolvendo, muitas vezes, estruturas que se assemelham a práticas de tradições religiosas consideradas oficiais. De acordo com Patricia Schlithler da Fonseca Cardoso (2021), esses documentos conduzem a negativa de que a magia utilizaria de práticas coercivas as divindades, obrigando-as a realizarem o ato, enquanto a religião faz uso de métodos persuasivos, apelativos e de adoração. Por exemplo, no Papiro XIII põe-se uma consagração ao deus Iao, entre as linhas 1017 e 1027:

[...] «Eu invoco você, o maior deus do céu, senhor forte, poderoso Iao (palavra mágica) que é. Consagra para mim, senhor, o grande, poderoso, inefável sinal, para que eu o possua e permaneça livre de perigos, invencível e insuperável sempre, eu fulano» (Martinez; Romero, 1987 p. 309).

Nesse fragmento do papiro, identifica-se um caráter apelativo, de exaltação à divindade em troca de proteção, poder e glória eterna, demonstrando que a magia não se limita a práticas malélicas. Esse tipo de texto mágico é recorrente nos PGM, descrevendo invocações, súplicas e amarrações que envolvem deuses e seres místicos em um contexto intercultural. No caso de Iao referenciado na consagração, trata-se, paralelo a Hariadne da Penha Soares (2017, p. 154), de um dos nomes divinos do deus judaico, Abrasax, configurando uma deidade muito associada aos poderes divinos e à proteção contra o mal.

Essa conjuntura evidencia que os Papiros Mágicos Gregos representam uma documentação plural, refletindo os vários contatos entre diferentes povos e como a interação cultural impactou amplamente as formas de produção histórica e, no contexto da magia, as práticas religiosas e sociais cotidianas. Nesse sentido, Scarpa (2021, p. 41), em referência a André Leonardo Chevitaese e Gabriele Cornelli, observa que “os PGM são uma literatura transcultural”, podendo, assim, “terem sido elaborados tanto em Roma quanto em Atenas, em Jerusalém ou em Alexandria [...]” (2007, p. 100).

Essa multiplicidade de elementos culturais é evidente, principalmente, na referência a diferentes deuses nos textos dos PGM. Estudos e escavações arqueológicas ressaltam que o Egito Antigo era um espaço de devoção a divindades originárias de outros povos, havendo uma fusão entre divindades externas e aquelas internamente cultuadas. Essa incorporação está presente na estrutura dos papiros, nos quais é comum a associação de nomes de divindades greco-egípcias. Um exemplo está no Papiro I, onde o hino de invocação ao deus Apolo é descrito entre as linhas 295 a 325, com o seguinte trecho:

«Ó senhor Apolo, venha com Paian. Responda minhas perguntas, senhor. Ó, mestre deixe o Monte Parnassos e a Pítia de Delfos quando meus lábios sacerdotais emitirem palavras secretas, primeiro anjo do [deus], grande Zeus. Iao e você, Michael, que governa o reino dos céus, eu os invoco, e a você, arcanjo Gabriel. Do Olimpo, Abrasax, deliciando-se nas alvoradas, venha gracioso aquele que vê o pôr do sol do amanhecer, Adonai. Pai do mundo, Toda a natureza estremece de medo de você, Pakerbeth [...] Conjuuro [você por] deus eterno, Aion de tudo; Conjuuro [você pela] Natureza que cresce em si mesma, poderoso Adonaios; Conjuuro [você pelo] ocaso e nascimento Eloaios: Conjuuro [você por] esses nomes sagrados, que eles me enviem o espírito divino e que isso cumpra o que tenho em meu coração e alma.

«[...] Enviem-me esse demônio em meus cantos sagrados, O qual se move à noite para ordens sob sua força, Eu invoco seu nome, em número igual às próprias Moiras, achaiaphothoiaieiaieia aieiaieiaothophiacha» (Martinez; Romero, 1987 p. 66).

Fundamentado nesse fragmento do Papiro I, observa-se a presença do deus greco-romano Apolo, uma importante divindade olímpica, que ilustra o uso multicultural das deidades nas práticas mágicas descritas nos PGM. Além disso, a recorrência de consagrações (como no caso da divindade Iao anteriormente citada), invocações (como na referência a Apolo) e referências a figuras semíticas (como Abraão, Salomão, Moisés, Isaac e Jacó), entre outros seres místicos, ressignificam a dinâmica de poder conferida ao ato de magia. Nos Papiros Mágicos Gregos, a inclusão de figuras de diferentes culturas é interpretada como um meio de potencializar a eficácia da magia realizada. Conforme

observa Scarpa (2021), essas referências sustentavam não apenas o rito de invocação a deuses socialmente relevantes, mas também legitimavam a prática dos magos ou do agente mágico.

A análise dos Papiros Mágicos Gregos revela a profundidade e a complexidade das práticas mágicas na Antiguidade, destacando a interação e integração de diversas culturas e tradições religiosas. Esses documentos não apenas ilustram a rica tapeçaria de influências gregas, egípcias e romanas, mas também questionam visões simplistas e negativas da magia, evidenciando que muitas práticas mágicas se assemelhavam a rituais religiosos oficiais. Por meio de ritos como invocações e consagrações a deuses que frequentemente combinavam elementos de diferentes culturas, os PGM demonstram que a magia representa um fenômeno sociocultural abrangente e multifacetado, refletindo as dinâmicas de poder e interculturalidade da época. Assim, os Papiros Mágicos Gregos oferecem uma janela valiosa para compreender não apenas as práticas mágicas, mas também as interações culturais e a transformação das tradições religiosas na Antiguidade.

2.2 Os primeiros estudos sobre os papiros

Os Papiros Mágicos Gregos (PGM) são documentos históricos associados à Antiguidade, e sabe-se que foram produzidos a partir de meados do século I a.C., abarcando um amplo período cronológico. Os papiros de maior complexidade em estrutura, conteúdo mágico e relevância foram adquiridos por colecionadores ou, como mencionado por Martinez e Romero (1987, p. 7), “incansáveis buscadores de papiros e antiguidades”, como Giovanni Anastasi — antiquário armênio e diplomata da Noruega e Suécia — e o francês Jean-François Mimaud. Essas coleções foram destinadas a grandes museus europeus (Berlim, Paris, Leiden, Londres, Oxford) e, muitas vezes, separadas de sua sequência original ou fragmentadas, devido à fragilidade da documentação.

É nesse cenário que os PGM são catalogados e descritos pelos primeiros tradutores do século XIX. A primeira publicação formal ocorreu em 1852, com CH. W. Goodwin, que em sua obra *Fragment of a Graeco-Egyptian Work upon Magic* descreveu o Papiro V. Em seguida, conforme Martinez e Romero (1987, p. 8), em 1865, Parthey divulgou os Papiros I e II. Vinte anos depois, C. Leeman publicou os Papiros XII e XIII. Entre 1888 e 1893, C. Wessely, de Viena, apresentou os Papiros III a X.

Assim, o século XIX foi marcado por grande interesse no estudo dos PGM, embora sem um aprofundamento histórico rigoroso. As edições desse período foram majoritariamente traduções que continham erros de acentuação, numeração de linhas e falhas metodológicas, dada a complexidade dos documentos. No entanto, essa produção inicial foi essencial para impulsionar estudos posteriores, que aprofundaram a análise, interpretação e tradução dos PGM.

Com a publicação dos papiros mais importantes até 1893, o século XX caracterizou-se por uma produção intensiva de pesquisas sobre os PGM, agora com maior criticidade e compreensão da natureza mágica dos documentos, embora ainda sujeitas a controvérsias. De acordo com Giovana da Rosa Carlos (2019, p. 169), estudiosos como Albrecht Dieterich, Richard Wünsch e K. Preisendanz assumiram o compromisso de padronizar o corpus dos papiros mágicos, buscando rigor nos estudos e correção de erros das primeiras traduções. Esse projeto de padronização foi um esforço progressivo, mobilizando gerações de pesquisadores interessados em trazer ordem e método às traduções dos papiros. Contudo, devido ao caráter ambicioso desse empreendimento e à complexidade interpretativa dos documentos, as padronizações não foram plenamente alcançadas.

No século XX, traduções de grande relevância foram realizadas, permanecendo até hoje como referência fundamental para pesquisadores da área de magia e dos PGM. A primeira tradução para o espanhol, acompanhada por um estudo aprofundado sobre o tema, foi publicada em 1987 por Luis Calvo Martinez e Dolores Sanchez Romero sob o título *Textos de Magia em Papiros Gregos*. Devido à ausência de traduções dos Papiros Mágicos Gregos para a língua portuguesa, essa obra representa o recurso mais acessível para estudiosos latino-americanos. A falta de versões em português dos PGM apresenta uma série de desafios para a pesquisa e compreensão deste campo, limitando o acesso a esse conhecimento por parte de pesquisadores e estudantes lusófonos. Tal lacuna cria uma barreira linguística que dificulta a democratização do saber, exigindo que os estudiosos recorram a traduções intermediárias em outras línguas (como inglês, espanhol ou alemão), o que pode introduzir erros e distorções, comprometendo a precisão e a autenticidade na interpretação dos textos originais. Além disso, a ausência de traduções em português contribui para a sub-representação da pesquisa sobre papiros mágicos nos países lusófonos.

No contexto latino-americano, a tradução realizada por Luis Calvo Martinez e M. Dolores Sanchez Romero é especialmente relevante, pois não apenas preenche uma

lacuna crítica na literatura acadêmica, como também impulsiona a pesquisa e a educação sobre a magia na Antiguidade greco-romana na região. A tradução foi feita diretamente do grego, excetuando alguns fragmentos em copta, que foram traduzidos a partir da versão alemã de A. Jacoby, o que torna o trabalho fiel ao texto papiroológico original. A ordem dos papiros e a numeração das linhas foram mantidas, facilitando a referência cruzada. Além disso, os autores decidiram grafar os nomes de deuses em letras maiúsculas entre as palavras mágicas, embora reconheçam que em certos casos pode ser difícil distinguir se se trata realmente do nome de uma divindade ou de uma palavra mágica.

A tradução de Martinez e Romero destaca-se como um recurso essencial para a popularização dos estudos sobre magia na Antiguidade, especialmente no contexto americano. A obra *Textos de Magia em Papiros Griegos* mostra-se extremamente fiel às fontes originais e as práticas são descritas com precisão, incluindo fórmulas presentes em algumas tábuas, como os nomes dos deuses invocados de forma clara e detalhada.

3 – A ESTRUTURA DAS TRADUÇÕES SOBRE OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

3.1 Obras fundamentais:

O século XX foi marcado por uma produção intensa de pesquisas no campo de estudo da magia, especialmente em relação às traduções dos Papiros Mágicos Gregos (PGM), com o objetivo de compreendê-los como documentos que refletem uma sociedade antiga e multicultural. Hariadne da Penha Soares (2017, p. 150) destaca a importância desses documentos para uma análise abrangente da magia, afirmando que, “gregos de língua, mas egípcios de origem, os PGM constituem uma das mais importantes fontes para a compreensão das práticas religiosas do Mediterrâneo antigo” (Brashear, 1995). A partir dessa perspectiva, forma-se um conjunto de obras essenciais para a tradução e a produção de pesquisas sobre esses documentos.

Como mencionado anteriormente, os PGM foram escritos majoritariamente em grego antigo, com fragmentos em copta e demótico. Com o objetivo de expandir os estudos, especialmente no século XX, realizaram-se traduções principalmente para o inglês e o alemão. Desde então, poucas traduções foram produzidas no século XXI, contrastando com a extensa produção das décadas passadas, a qual, apesar de significativa, frequentemente apresenta falhas e erros interpretativos. As pesquisas contemporâneas sobre esses documentos mágicos tendem a ser pontuais, focando em aspectos e papiros específicos para análise detalhada. Assim, conforme observado por Luis Calvo Martinez e Dolores Sanchez Romero (1987, p. 49), ainda não há uma obra que estude sistematicamente a magia greco-egípcia tal como revelada nos papiros⁴.

Nesse contexto, uma obra que se destaca por aproximar-se de uma compreensão intrínseca da magia nos papiros é *Griechisch-ägyptischen Offenbarungszauber* (Feitiço de Revelação Grego-Egípcio), volumes I e II, de Theodor Hopfner, que integra a coleção *Studien zur Paläographie und Papyruskunde* (Estudos de Paleografia e Papiro), publicada em Leipzig entre 1921 e 1923. Essa obra é de extrema importância para os estudos papirológicos, pois consolidou o campo de pesquisa sobre os papiros e a magia grega ao

⁴ Tradução nossa. Fragmento original “[...] sigue sin existir una obra que estudie sistematicamente la magia greco-egipcia tal como la revelan los papiros.” (Martinez; Romero, 1987 p. 49).

explorar o tema do demonismo presente nos PGM, analisando-o sob a perspectiva das práticas mágicas. Theodor Hopfner caracteriza os *daimones* da seguinte maneira:

Já nos tempos antigos esses demônios e seus parentes eram chamados junto com os deuses. Eles também estão acima do homem e são maiores que o homem e sua alma imortal, mas não alcançam os deuses e, estando acima do homem, formam um reino intermediário de criaturas peculiares e fantasmagóricas. Mas foram precisamente esses seres intermediários, que estavam mais próximos do homem do que os Deuses e até relacionados com sua alma como os heróis, cujo reinado misterioso e principalmente sobrenatural todos pensavam poder sentir no horror da noite, na solidão, na doença e na morte, quem- Esses autores invisíveis de processos misteriosos dentro e ao redor das pessoas, eles certamente ocuparam as mentes do povo grego desde os tempos antigos e excitaram em grande medida sua imaginação (Hopfner, 1921, p. 2).

A análise de Hopfner permite observar as origens da visão negativa atribuída à magia, uma demonização da prática que remonta à mentalidade do povo grego antigo, mas que perdura até os dias atuais como uma “verdade”. A associação unilateral dos *daimones* à prática mágica contribui para uma perspectiva pejorativa e coercitiva dos Papiros Mágicos Gregos. Esses documentos transcendem o aspecto meramente religioso, configurando-se como registros políticos, culturais e sociais das interações entre diferentes povos antigos. Grande parte das entidades invocadas são deidades, e a associação destas com demônios catalisa o rito mágico. Assim, o foco reside não apenas em quem se invoca, mas no propósito da invocação.

Outro aspecto relevante abordado na obra de Hopfner, como citado por Martinez e Romero (1987, p. 49-50), é sua relação com o Hermetismo, presente no volume I de *La Révélation d’Hermès Trismégiste* (A Revelação de Hermes Trismegisto) de André J. Festugère. No capítulo intitulado *L’Hermétisme et la Magie* (Hermetismo e Magia), Festugère destaca a conexão da deidade egípcia Hermes (Thoth) com a magia greco-egípcia descrita nos PGM, postulando que:

Hermes (Thoth) é mencionado em algumas receitas simplesmente porque ele é o fundador da magia: neste caso, trata-se apenas da concepção tradicional, sem qualquer mistura de gnose ou misticismo tardio. Na sua qualidade de fundador da magia, Thoth pode intervir de várias maneiras. [...] o mago utiliza com Thoth o mesmo método que utiliza, noutras ocasiões, com Ísis, Osíris, Hórus ou Hélios, com a única diferença de que as práticas relatadas a Thoth são consideradas

particularmente eficazes devido à ligação mais estreita que permanece entre este deus e a magia.

De igual modo, a presença do deus Hermes (Thoth), identificado frequentemente como "Tout" no corpus dos papiros, é notável nos Papiros III, IV, VII, XI e XII, conforme apontam Martinez e Romero (1987, p. 425). Sua invocação nessas passagens mágicas retrata-o como uma figura de poder, aplicada tanto em encantamentos amorosos quanto em práticas consideradas maléficas, o que ressalta o papel de Thoth na intervenção de diferentes fenômenos mágicos.

A utilização de Hermes/Thoth para conferir eficácia ao rito reflete a existência de uma hierarquia entre as deidades, na qual a presença frequente de certos deuses em contextos mágicos legitima o poder do ritual, sobretudo quando associados a outras divindades, num processo que sugere uma “somatória” de potências divinas. Essa incorporação de deuses de panteões diversos, no entanto, não deve ser vista como simples assimilação resultante do domínio romano, mas sim como um novo método para alcançar os objetivos mágicos. As invocações que combinam divindades, seres divinos e figuras míticas de diferentes culturas não apenas sustentam a estrutura de invocação dos deuses superiores, mas também conferem legitimidade ao praticante dos rituais, conforme observou Scarpa (2021, p. 51).

Por exemplo, no Papiro IV põe-se uma carta de Nefotes a Psamethicus revelando uma prática de *lecanomania*⁵ e encantamento amoroso, entre as linhas 335 e 350, transpondo a presença do deus egípcio Thoth somado a deuses e deusas gregos, como Perséfone e Adonis. Dessa forma, vemos:

Eu deposito perto de vocês este vínculo, deuses da terra **Uesemigadôn** e Core Persephone Eresquigal e Adonis o Barbarita, Hermes subterrâneo, Tout **pbokeutazepseu aerchathou mi sooktai kalbanachambre** e o poderoso Anubis **psirintb**, aquele que possui as chaves dos que estão no Hades, deuses e demônios da terra, aqueles que morreram cedo demais, homens e mulheres, meninos e meninas, para as aflições das aflições, os meses dos meses, os dias dos dias, as horas

⁵ *Lecanomania* é uma prática divinatória da Antiguidade que envolve a observação de líquidos em recipientes, como bacias ou tigelas, para obter respostas sobre o futuro ou resolver dúvidas. O termo tem origem no grego antigo, onde *lekané* significa "tigela" ou "bacia", e *manteia* se refere à adivinhação.

das horas. Eu conjuro todos os demônios deste lugar para ajudar este demônio (Martinez; Romero, 1987 p. 103).⁶

De importância significativa para o estudo dos PGM, especialmente em sua relevância como documento precursor da fase final da religião greco-egípcia antiga, a obra *Geschichte der griechischen Religion* (História da Religião Grega), de Martin P. Nilsson, oferece uma análise sobre a ilegitimidade atribuída às práticas politeístas no contexto cultural da época. Com a dominação romana e a integração de elementos gregos no Egito, muitas práticas foram absorvidas por meio das trocas culturais, o que também transformou aspectos mágicos, evidenciado pela presença de deidades gregas e semíticas no corpus dos PGM. No entanto, essa prática milenar foi gradativamente substituída pelo monoteísmo em grande parte das regiões dominadas por Roma, à medida que a Igreja Católica ganhava força política e social — embora alguns povos e regiões, como o próprio Egito, ainda preservem elementos politeístas até a atualidade.

Nesse cenário, os mistérios e o sobrenatural, tão frequentes na magia, foram desafiados por uma religião oficializada pelo grupo dominante. Nilsson (1974) explora esse contexto, afirmando que: Os mistérios são mencionados com muita frequência pelos escritores da antiguidade tardia, às vezes com insinuações sem sentido, às vezes usando esse nome para se referir a ensinamentos e cultos místicos que não eram mistérios no verdadeiro sentido, ou também a práticas mágicas. Mas existem algumas passagens que nos ensinam pelo menos algo sobre a impressão causada pelos mistérios e os meios utilizados para criar essa impressão. Dion Crisóstomo diz em seu discurso olímpico: "Como se alguém introduzisse um heleno ou bárbaro em uma sala misteriosa muito grande e bela (*μυστικὸν μυχόν*) e ele tivesse muitas visões místicas e ouvisse muitos desses sons (Nilsson, 1974, p. 679).

É interessante observar como as práticas mágicas, que outrora refletiam o modo de vida de diversos povos e incorporavam elementos políticos associados a hierarquias de feiticeiros e agentes mágicos, passaram a ser reinterpretadas como uma prática de identidade negativa — associada ao maléfico, coercitivo e condenável. No fragmento de Nilsson, percebe-se claramente a distinção entre magia e religião, sendo a magia vista como infundada e enganosa, enquanto a religião é apresentada como uma verdade concreta.

⁶ Os termos em negritos referem-se as palavras mágicas (vozes *magicae*) presentes nas práticas mágicas dos PGM.

O grande interesse pelo estudo e tradução dos Papiros Mágicos Gregos gerou inúmeras edições voltadas para condensar e expandir o conhecimento acumulado, além de incluir novas informações, seja a partir do corpus dos papiros ou de outras fontes relevantes. Muitas dessas edições, no entanto, não seguiram um rigor metodológico adequado para a análise documental, sendo necessário mencioná-las de forma crítica para validar cientificamente esse campo de estudo. Dentre as edições fundamentais para compreender a magia greco-egípcia no contexto dos PGM, destaca-se *Papyri Graecae Magicae, Die griechischen Zauberpapyri* (Os Papiros Mágicos Gregos), volumes I e II, Stuttgart, 1931/1974, de Karl Preisendanz. Essa obra é uma das referências centrais para estudos posteriores, trazendo traduções dos papiros mais famosos e completos, como o Papiro I e II de Berlim (5025/5026), o Papiro III do Louvre (Mimaut 2391), o Papiro IV de Paris (574) e o Papiro V de Londres (XLVI).

Paralelamente, a obra *Textos de Magia en Papiros Griegos* de Luis Calvo Martinez e Dolores Sanchez Romero representa a primeira tradução abrangente para o espanhol, acompanhada de uma pesquisa essencial sobre a coleção dos PGM e suas especificidades. Essa edição se mostra fundamental para esta pesquisa e teve como base a tradução de Preisendanz, além das revisões posteriores, totalizando 81 papiros gregos e 24 papiros cristãos traduzidos. Em meio à escassez de traduções metódicas e comprometidas com a literalidade dos documentos mágicos no século XX, a obra de Martinez e Romero se consolida como um marco para os estudos papirológicos na América Latina.

Finalmente, outra edição de grande importância, também baseada na obra de Preisendanz, é *Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* (Papiros Mágicos Gregos em Tradução: Incluindo os Feitiços Demóticos), organizada por Hans Dieter Betz em 1991. Segundo Betz (1991, p. IX), o objetivo dessa edição foi expandir a coleção de Preisendanz para incluir o maior número possível de papiros mágicos recentemente descobertos e publicados. Nessa obra, a língua demótica, presente nos PGM, também foi traduzida, marcando uma diferença em relação às edições anteriores e ampliando a compreensão dos aspectos políglotas dos papiros.

3.2 Estrutura das traduções

Para a análise estrutural das traduções dos PGM serão consideradas, entre as diversas edições realizadas, as três mais relevantes relativo a metodologia, interpretação,

influência e rigor ao texto original do papiro. É importante acrescentar que tais traduções também apresentam dissidências pontuais que serão mencionadas respectivamente, entretanto, ainda configuram as edições mais fieis cronologicamente publicadas sobre a magia greco-egípcia.

Em primeiro lugar, e respeitando a ordem cronológica de publicação, a obra supracitada *Papyri graecae magicae, Die griechischen Zauberpapyri* (Os Papiros Mágicos Gregos) vols. I e II, Stuttgart, 1928/1931 de Karl Preisendanz merece ser analisada. A obra corresponde a uma pesquisa concreta de revisão aos papiros já traduzidos, além da correção e introdução de novos documentos, frutos de novas escavações. Motivado pela ausência de traduções de qualidade que fossem confiáveis para o andamento dos estudos papiroológicos, Preisendanz assume a produção de uma edição coerente e preocupada com a metodologia do documento mágico. Para isso, contou com a colaboração de inúmeros estudiosos empenhados em uma tradução completa dos PGM, como por exemplo, Albrecht Disterich⁷ inicialmente responsável pela tradução de hinos e peças métricas que seriam revisados com auxílio de fotografias do papiro. Disterich falece em 1908 após examinar a edição prévia prestes a ser publicada, prometendo-a um estudo aprofundado.

A morte de Dieterich refletiu em Preisendanz a necessidade de expandir a edição dos Papiros Mágicos Gregos, motivando-o a explorar uma grande parte da coleção conhecida dos PGM. Assim, unindo as pesquisas de seus alunos Ludwig Fahz⁸ e Adam Abt⁹ — focadas no Papiro Mimaut, do Louvre, e nos dois papiros de Berlim — iniciou-se a construção da tradução. Consequentemente, R. Wessely assumiu o papel deixado por Dieterich na tradução dos hinos, resultando em novas formulações que serviram de referência para pesquisas subsequentes.

Inicialmente, os fragmentos em copta foram traduzidos por Georg Möller. No entanto, o andamento das pesquisas foi prejudicado pelas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial e pelas mortes de Richard Wünsch (em 17 de maio de 1915), Adam Abt

⁷ Albrecht Dieterich (1866–1908) foi um filólogo alemão que se destacou por suas pesquisas sobre religiões antigas, especialmente as práticas religiosas e rituais do mundo greco-romano e do cristianismo primitivo. Conhecido por sua análise da "Liturgia de Mitra" (*Mithrasliturgie*), Dieterich também contribuiu para o estudo de hinos órficos e do gnosticismo, ajudando a desvendar a intersecção entre magia e religião no mundo antigo.

⁸ Referenciado no prefácio da primeira edição por Karl Preisendanz (1974) como aluno de Albrecht Disterich.

⁹ Referenciado no prefácio da primeira edição por Karl Preisendanz (1974) como aluno de Ricilard Wünsch.

(em 1918) e do próprio Möller, dificultando o progresso do trabalho. Nesse contexto, Adolf Jacoby assumiu as traduções coptas, revisando termos mágicos presentes no corpus dos papiros, enquanto Sam Eitrem contribuiu com a tradução do papiro mágico de Oslo, ampliando o escopo e a precisão das edições dos PGM.

A tradução completa do primeiro volume é publicada em 1928, tendo sido reeditada devido a novas descobertas realizadas por Preisendanz, ao expor que:

Em outubro e novembro de 1927, vi todas as colunas do Pap. MIMAUT no Louvre tão minuciosamente quanto o tempo e a luz da estação permitiram, e os resultados desse trabalho tornaram necessárias outras intervenções em muitas páginas do conjunto já revisado (Preisendanz, 1928, p. XI).

Como resultado de tal investigação foi descoberto uma continuação no pergaminho do Papiro III, tornando-o completo e mais facilmente interpretado para futuras traduções, embora omitido da edição vigente. Com isso, novos fragmentos tornaram-se conhecidos, somando a lista dos papiros em circulação.

Em estrutura a tradução organizada por Preisendanz, volume I, elenca os Papiros I, II, III, IV, V, Va¹⁰ e VI. Enquanto o volume II abrange os Papiros VII ao LX, totalizando 81 papiros traduzidos, incluindo documentos fragmentados e papiros recentemente descobertos. A maioria dos textos é precedida de uma catalogação detalhada do papiro, que contextualiza cada documento desde sua primeira aquisição, indicando suas medidas, divisões, datação relativa, críticas à escrita documental e, em alguns casos, descrevendo o conteúdo mágico específico do pergaminho. Esse cuidado é evidente, por exemplo, no Papiro I 5025, que é introduzido com a seguinte nota:

Berlim, P 5025 A e B do Museu Nacional. Adquirido em 1857 por Lepsius da Coleção Anastasi em Paris. Pergaminho de papiro completo (aprox. 80,2 cm de comprimento total por 38,5 cm de altura, descrito em 5 colunas, dividido em duas partes (A e B) por um corte suave após a coluna 2, “brisé en deux parties” já registrado pelo Catálogo de P. Lenormant, 1857 nr. 1074; todas as colunas, principalmente a 1 e a 2, estão danificadas por quebras antigas. O texto das colunas está escrito em cursiva relativamente clara por apenas uma mão, não muito hábil; as formas das letras apontam para o final do século IV ou V d.C. sem oferecer nada particularmente característico. As poucas notas marginais são provavelmente da mesma mão. O conteúdo principal consiste em

¹⁰ Na edição de Karl Preisendanz (1928), o Papiro V foi dividido em dois, configurado como: Papiro V (Londres, Museu Britânico – XLVI) e Papiro Va (Estocolmo, Papiro Grego Holm. - Blatt). Isso ocorre com alguns Papiros vigentes nos volumes I e II da obra.

três feitiços relacionados para obter um *spiritus familiaris* (linhas 1-42; 48-195; 263-347). (Preisendanz, 1928, p. 1).

Após as informações gerais, a tradução segue introdutória trazendo os conteúdos exatos do manuscrito em resumo, a fim de nortear o leitor ou pesquisador antes da tradução direta. Nesse sentido, ainda tomando-o como exemplo, o Papiro I descrito na edição vigente separa o manuscrito em quatro diferentes conteúdos, sendo eles: (1) preparações para a recepção noturna de um Paredros¹¹ profetizador; (2) Introdução em forma de carta a uma ação mágica baseada no hierogramático Puuthis à Cérix para obter um assessor; (3) Invocação do deus Aion¹² para se tornar invisível; (4) Invocação a Apolo para conseguir um demônio assessor.

Destarte, a tradução inicia-se com a presença tanto do texto original em grego antigo, quanto a tradução deste em alemão. A edição é alternada por páginas, ou seja, cada página do texto em grego antigo é sucedida por outra contendo a tradução para a língua alemã. Posto isso, compreende-se que a tradução de Preisendanz transpõe o papiro de forma segmentada, envolvendo uma seleção de linhas dentro do conjunto unificado de interpretação dos papiros. Desse modo, a tradução seletiva das linhas e a alternância entre duas línguas reflete uma quebra das transposições literárias e sequencial vigente nos PGM, fazendo com que a lógica de receitas, invocações, consagrações e outros ritos mágicos sejam prejudicadas. Mesmo assim, a obra *Papyri graecae magicae, Die griechischen Zauberpapyri* (Os Papiros Mágicos Gregos) desempenha um importante papel no campo da Magia na Antiguidade, bem como no método de análise de documentos tão complexos quanto os Papiros Mágicos Gregos, simbolizando uma edição referência para muitos dos principais estudos posteriores sobre a magia greco-egípcia.

Em sequência, outra obra a ser analisada em razão da estrutura de tradução refere-se a *Textos de Magia em Papiros Gregos* (Textos de Magia em Papiros Gregos) de Luis Calvo Martinez e Dolores Sanchez Romero publicada em 1987. A edição consiste em uma pesquisa concreta sobre a coleção Papiros Mágicos Gregos, além da

¹¹ Origem etimológica :latim *paredros*, -i, o que acompanha, do grego *páredros*, -ou, que se senta ao lado, assessor, coadjuvante.

¹² O deus Aion, cujo nome significa “longo período de tempo”, “eon”, “eternidade”, representa o tempo invisível e eterno, regendo ciclos cósmicos e espirituais além da percepção linear, simbolizando a continuidade e a renovação constante do universo.

revisão das traduções já conhecidas com base na publicação de Preisendanz (1928/1931), desenvolvida pela primeira vez em espanhol.

A tradução é precedida por uma introdução abrangente, que inclui capítulos sobre a coleção PGM, suas características e conteúdo (tanto material não mágico quanto práticas propriamente mágicas). Nesse sentido, a edição de Martinez e Romero (1987) vai além de uma tradução acessível aos pesquisadores de Magia na Antiguidade no contexto latino-americano; ela se torna uma obra fundamental para o estudo científico da historiografia dos PGM. Como afirmam os autores, "[...] é, portanto, uma tentativa de oferecer pela primeira vez em nossa língua esses documentos de excepcional importância para o conhecimento da magia e da religião sincretista do Helenismo tardio" (Martinez; Romero, 1987, p. 47).

Dessa forma, a edição assume grande relevância para estudos futuros sobre a magia greco-egípcia, especialmente no Brasil, ao oferecer a tradução em uma língua mais próxima, em contraste com as versões alemãs e inglesas. Além disso, Martinez e Romero (1987) inovam ao anexar capítulos com notas de tradução e bibliográficas, um diferencial relevante, pois edições anteriores raramente abordavam essas especificidades. Em edições anteriores, os tradutores frequentemente se sentiam livres para alterar o texto mágico conforme necessário, sem incluir o significado ou contexto das mudanças realizadas no texto papirológico original.

Em termos de estrutura, *Textos de Magia en Papiros Griegos* (1987) apresenta a revisão e tradução dos 81 papiros já conhecidos, além dos papiros cristãos e óstracos. Diferente da edição alemã de Preisendanz (1928/1931), Martinez e Romero realizam a tradução segmentada por conteúdo, conforme explica a edição: "como a maioria destes, especialmente os mais importantes por sua extensão, têm conteúdo muito variado, nós os subdividimos em parágrafos com algarismos arábicos" (Martinez; Romero, 1987, p. 48). Essa organização facilita a interpretação dos ritos e reduz a possibilidade de distorções morfológicas dos documentos mágicos.

Outra característica distintiva da edição *Textos de Magia en Papiros Griegos*, que não está presente na tradução de Preisendanz, é a preservação das palavras mágicas no corpus original dos papiros, com a devida identificação em negrito e itálico. Além disso, os nomes das divindades são destacados com um índice de nomes próprios e suas transliterações no final da tradução. Esses detalhes são fundamentais para compreender a

estrutura mágica original dos PGM, ressaltando o valor documental que essa edição representa para futuras pesquisas.

Outra tradução de grande importância para o estudo dos PGM, também baseada na versão de Preisendanz, é a obra *Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* (Papiros Mágicos Gregos em Tradução: Incluindo os Feitiços Demóticos), de Hans Dieter Betz, publicada em 1991. Esse projeto teve início em um colóquio em Claremont, Califórnia, em 1978, como parte de um esforço maior de pesquisa sobre os Papiros Mágicos Gregos. Dada a complexidade das traduções, o projeto foi expandido para incluir não apenas a coleção de Preisendanz, mas também papiros recentemente descobertos. Como resultado, o número de papiros aumentou de 81 para 131, abrangendo agora desde o Papiro I até o Papiro CXXX, além de uma seção dedicada aos Papiros Demóticos Gregos (Betz, 1991, p. IX).

A tradução de Betz (1991), ao contrário da edição de Preisendanz, não se propõe a incluir críticas de aparato textual ao corpus dos papiros; seu foco está nas dificuldades de leitura e tradução desses documentos mágicos. Além de incorporar novos papiros, a obra inova ao traduzir os fragmentos demóticos, integrando-os de forma substancial à coleção dos PGM, o que amplia o alcance e a compreensão dos elementos mágicos multiculturais presentes nesses textos antigos.

Somente a partir da incorporação da língua demótica egípcia é possível compreender a coleção como um todo e sua relevância tanto para a cultura greco-romana, quanto para a egípcia. A associação desses diferentes povos no texto mágico é indissociável, haja visto que a maior e mais importante coleção demótica, referente a coleção de Anastasi¹³, foi encontrada em Tebas, no Egito, incluindo documentos de origem grega e egípcia professadas por um mesmo escriba feiticeiro ou agente mágico. Nesse sentido, os Papiros Mágicos Gregos remontam uma coleção única, complexa e circular em relação a prática presente no mediterrâneo, a magia antiga representa mais do que uma unidade religiosa, representa, sobretudo, consoante a Scarpa (2021, p. 53), como as culturas autóctones provinciais apresentaram a capacidade de flexibilizar certas

¹³ Todos os quatro textos mágicos demóticos parecem ter vindo das coleções que *Anastasi* reuniu na área de Tebas. A maioria tem passagens em grego e também em demótico, e a maioria tem palavras glosadas em copta antigo (Betz, 1991, p. XLV).

fronteiras internas de sua ordem comunitária, apresentando traços importantes de adaptação e resiliência.

Em termos de estrutura, a edição de Betz (1991) vai além de uma simples revisão da tradução de Preisendanz (1974/1931), configurando-se como um estudo detalhado da coleção dos PGM. A obra inicia com uma tabela de feitiços, que facilita a divisão dos papiros e identifica os tradutores, conteúdos e respectivos papiros, tornando a consulta mais acessível. Betz (1991, p. XI) organiza essa estrutura referenciando os 131 papiros incluídos na tradução. Por exemplo, ao considerar o Papiro I, apresenta-se a seguinte tabela de feitiços:

Imag. 1: Fragmento da tabela de feitiços Hans Dieter Betz (1991).

<i>Reference</i>	<i>Translator</i>	<i>Short Title</i>
<i>PGM I</i>		(No title) Magical handbook
<i>PGM I. 1–42</i>	E.N.O.	[Rite] for acquiring an assistant daimon
<i>PGM I. 42–195</i>	E.N.O.	The spell of Pnouthis (for acquiring an assistant daimon)
<i>PGM I. 195–222</i>	E.N.O.	Prayer of deliverance
<i>PGM I. 222–31</i>	E.N.O.	Invisibility spell
<i>PGM I. 232–47</i>	E.N.O.	Memory spell
<i>PGM I. 247–62</i>	E.N.O.	Spell for invisibility
<i>PGM I. 262–347</i>	E.N.O.	Apollonian invocation

Outra característica importante da obra *Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* (Papiros Mágicos Gregos em Tradução: Incluindo os Feitiços Demóticos) é a inclusão de uma lista dos papiros presentes na tradução de Preisendanz. Essa lista fornece a referência completa de cada papiro, incluindo sua localização, número de catálogo e data de produção aproximada para todos os textos mágicos conhecidos até então. Por exemplo, em relação aos papiros incluídos no volume I de *Papyri Graecae Magicae, Die Griechischen Zauberpapyri* (Os Papiros Mágicos Gregos), Betz (1991, p. XXIII) descreve na lista os primeiros papiros da coleção:

Imag. 2: Fragmento da lista de Papiros vigentes em Preisendanz citados por Hans Dieter Betz (1991).

<i>Reference</i>	<i>Location</i>	<i>Number</i>	<i>Date</i>
I	Berlin, Staatliche Museen	<i>P.Berol.</i> inv. 5025	IV ^P /V ^P —
II	Berlin, Staatliche Museen	<i>P.Berol.</i> inv. 5026	IV ^P
III	Paris, Musée du Louvre	no. 2396 (P.Mimaut frgs. 1–4)	IV ^P —
IV	Paris, Bibliothèque Nationale	<i>P.Bibl.Nat. Suppl.</i> gr. no. 574	IV ^P —
V	London, British Museum	<i>P.Lond.</i> 46	IV ^P ?
Va	Uppsala, Victoriamuseet	<i>P.Holm.</i> , p. 42	
VI	London, British Museum	<i>P.Lond.</i> 47	II ^P or III ^P

A edição de *Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* organizada por Hans Dieter Betz (1991) não apenas inclui os papiros anteriormente traduzidos, mas também apresenta uma lista de mais de 50 novos papiros, seguindo o mesmo formato detalhado das traduções anteriores, com referências a localização, número de catálogo e data de produção. Além disso, a edição conta com capítulos dedicados às notas de edição, abreviaturas de periódicos, títulos de séries, obras de referência e principais títulos utilizados no volume.

A tradução organizada por Betz reflete um novo olhar sobre as pesquisas dos papiros, corrigindo uma lacuna presente nas edições anteriores, como na própria tradução de Preisendanz (1928/1931), onde as notas de edição eram pouco destacadas e pouco esclarecedoras para o leitor. A transposição do grego antigo para a língua nativa da edição muitas vezes envolvia a adição ou omissão de palavras, alterando o significado morfológico dos textos mágicos. Embora Preisendanz tenha incluído algumas notas, elas são limitadas, deixando lacunas na interpretação integral dos papiros, especialmente em relação aos símbolos presentes nos textos.

Por outro lado, Betz (1991) aborda essa questão com mais profundidade, minimizando essas lacunas ao incluir capítulos específicos para tratar das notas de edição. A edição também apresenta um glossário final, dedicado à explicação das divindades citadas nos papiros, fazendo com que *Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* seja uma referência fundamental e um modelo para futuras pesquisas no campo dos PGM.

3.3 A representação do feiticeiro

As interações culturais entre o Mediterrâneo Antigo e o Mundo Grego, no contexto da dominação romana, estabeleceram no Egito a emergência de uma prática religiosa multicultural, resultante da fusão de elementos das tradições religiosas grega, egípcia e judaica. Essa integração é evidenciada nos Papiros Mágicos Gregos (PGM), documentos que refletem as práticas religiosas de diversos povos em um mesmo texto mágico. Segundo Hariadne da Penha Soares (2017, p. 149), "os papiros mágicos greco-egípcios (PGM) exprimem o amplo pluralismo religioso e cultural do Egito helenístico." Assim, os PGM vão além de simples manuais de magia que combinam os mistérios gregos, a magia egípcia e práticas orientais; eles representam uma documentação valiosa para a compreensão das relações sociais, políticas e religiosas do Mundo Antigo. Esses textos evidenciam tanto a estratégia romana de dominação quanto as complexas interações entre povos culturalmente diversos.

Paralelamente à análise de Soares (2017), observa-se que, durante o período de dominação romana no Egito, Tebas¹⁴ se tornou um centro administrativo, consolidando a província do Egito romano. Mesmo sob controle romano, elementos da tradição religiosa faraônica egípcia continuaram a coexistir com a autoridade do Império, embora de forma controlada. Compreende-se, assim, que a política de dominação romana não envolvia um controle absoluto sobre a religiosidade das populações dominadas, dado o vasto território imperial e a inviabilidade de uma imposição religiosa totalizante. Dessa forma, mantinham-se as estruturas locais, mas sob supervisão de uma autoridade romana.

Por exemplo, os templos egípcios, que anteriormente eram salvaguardados por sacerdotes da religião faraônica, passaram a ser administrados por funcionários romanos vindos de Alexandria¹⁵ após a conquista. Com isso, os sacerdotes egípcios perderam seu papel de mediadores do sagrado, ficando afastados das práticas religiosas e do controle oficial dos templos. Essa mudança evidencia a estratégia romana de controle indireto, preservando, na medida do possível, aspectos da religião local, mas garantindo que a autoridade suprema permanecesse sob supervisão romana. Nesse sentido, frente as restrições no acesso as práticas religiosas, a presença de diferentes feiticeiros anônimos no cenário greco-egípcio mostra-se evidente. É importante salientar que serão considerados feiticeiros, nessa pesquisa, todos os agentes mágicos atuantes nos PGM, ou

¹⁴ Região de produção e descobrimento da Coleção PGM.

¹⁵ Mais tarde, com o crescimento das elites, a administração financeira dos complexos templários ficou a cargo das ricas famílias locais, resultando no enfraquecimento dos templos como instituições, no território do Egito, entre os séculos III e IV (Soares, 2017, p. 150).

seja, os homens divinos (*theioi andres*), como magos, adivinhos, mistagogos e filósofos teurgos diretamente associados as práticas vigentes nos papiros.

A partir dessa análise, algumas questões tornam-se fundamentais para uma compreensão mais ampla sobre o papel dos feiticeiros nos PGM, como: Qual é o perfil do agente da magia? Qual função ele desempenha no contexto da magia greco-egípcia? Nesse sentido, é necessário conceituar as terminologias utilizadas para designar o agente que realiza a magia no Mundo Antigo. Segundo Carlos Eduardo da Costa Campos (2022, p. 50), não existe uma imagem única ou coletiva dos magos na Antiguidade, conforme as evidências disponíveis nas fontes. Assim, o feiticeiro assume um papel complexo e multifacetado, vinculado às nuances sociopolíticas e culturais da época.

No caso dos Papiros Mágicos Gregos, o feiticeiro não é identificado diretamente no corpus textual; a compreensão sobre esse agente deriva da análise dos rituais mágicos descritos, da frequência das deidades invocadas e dos padrões gramaticais. Observa-se a recorrência de um mesmo perfil de agente mágico, mas sem dados pessoais que permitam identificá-lo. A magia, no contexto da dominação romana, estava intimamente ligada ao poder político, sendo reprimida especialmente quando os agentes mágicos alcançavam uma influência relevante sobre o poder imperial ou praticavam formas de magia vistas como maléficas, como a *goēteia*. Supõe-se, portanto, que, por esse motivo, os agentes mágicos evitavam incluir informações pessoais nos textos.

Em algumas ocasiões, contudo, o instrutor do feitiço se dirige diretamente a um filho ou filha, ordenando que o conteúdo do livro seja mantido em segredo ou tornado indetectável (Martinez; Romero, 1987, p. 24-25). Esses elementos sugerem uma cautela e um controle rígido sobre o acesso aos conhecimentos mágicos, reforçando o caráter restrito e reservado desses documentos.

Na Antiguidade, consoante a Campos (2022, p. 51), inúmeros termos foram destinados a esses agentes na própria literatura, inclusive pejorativos a fim de conotar a magia uma prática charlatã, no caso do termo *goes* (Eur. Hip. 1038) e *magos* (pl. *magoi*) em relação aos persas, no século V AEC. Essas terminologias foram posteriormente difundidas entre os romanos e incorporadas as estruturas sociais em um contexto de interatividade cultural.

Por conseguinte, o perfil do feiticeiro nos PGM envolve uma gama de conhecimentos específicos, assim, somente o mediador entre os homens e o sagrado descreveria o rito com o maior potencial para a realização. A popularidade do agente mágico também implicaria no sucesso da magia, evidenciando uma hierarquia entre os feiticeiros. Os magos deveriam ter vasto conhecimento dos hinos sagrados, orações, invocações, astrologia, botânica, zoologia e estar familiarizados com os diferentes tipos de pedra existentes, e com sua aplicação em diferentes rituais (Soares, 2017, p. 150). Dessa maneira, os PGM configuram verdadeiros manuais de magia realizados por feiticeiros distintos com finalidades diversas, representando o maior suporte documental para a realização da magia de origem greco-egípcia. De acordo com Soares (2017, p. 150), adivinhação, encantamentos, simpatias, exorcismos, breves narrativas mitológicas são alguns dos temas presentes. Como observado no Papiro I, entre as linhas 45 a 60:

«O assessor do escriba sagrado Pnutis

»Pnutis cumprimenta Cerix, que adora o deus. Como um iniciante, eu lhe indiquei este conselheiro (livro) para que você não cometa erros ao celebrar essa (prática) sagrada. Deixando de lado todas as prescrições que nos foram transmitidas em inúmeros livros, eu lhe mostrei apenas um, entre todos aqueles que descrevem como agarrar esse assessor para seu serviço, <com o desejo de que> assim você agarre esse santo (assessor) e somente... Ó amigo dos espíritos aéreos circulantes, que me convenceram com palavras cheias de sabedoria divina... mas agora eu lhe envie este livro para que você possa aprender longamente. Pois a palavra de Pnutis tem o poder de convencer os deuses e todas as deusas.

»Eu lhe descreverei em continuação como obter o assessor. Assim é a transmissão do conselheiro. Depois de purificar-se e abster-se dos seres vivos e de toda impureza, e depois de subir ao telhado da casa na noite de sua escolha, vestido com pureza... recite a primeira oração a ser comunicada no desaparecimento da luz do sol. Com a fita totalmente preta de Ísis sobre seus olhos, segure em sua mão direita a cabeça de um falcão e... quando o sol nascer, saúda a divindade balançando a cabeça e... seguindo fielmente essa fórmula sagrada, queime incenso em pedaços e derrame perfume de rosas, depois de queimar plantas de girassol em brasas e em um braseiro de barro [...] (Martinez; Romero, 1987 p. 55).

Tal fragmento destacado do papiro I revela o caráter descritivo do texto mágico, no qual um feiticeiro detalha a receita para se conseguir um demônio assessor, como um manual a ser seguido pelo praticante. É notável a preocupação do agente em garantir a eficácia prática mágica, uma vez que, como citado anteriormente, seu prestígio e poder dependiam de seu êxito na prática mágica. As evidências arqueológicas e literárias,

inclusive de época romana, como é o caso dos manuais de magia, amuletos, gemas mágicas e dos PGM, não deixam dúvida de que havia, no Império, inúmeros praticantes dos mais diversos tipos de magia (Soares, 2017, p. 151). Nesse cenário, a popularidade dos feiticeiros perante a dominação romana encontra o seu auge por volta do século III, devido a maior incorporação e disseminação de elementos da religião greco-egípcia entre o Império, tonando-se uma figura de controle, guardiões das forças sobrenaturais associadas a Magia Antiga.

A partir disso, pode-se interpretar, tomando como base os PGM, que a função do feiticeiro envolve um amplo campo prático, haja visto que se associavam não somente ao religioso, mas a uma hierarquia política não oficial do Império Romano, mas que se consolidava no cotidiano de povos, adentrando na vida social da população. Por exemplo, como recorrente no Papiro III, entre as linhas 1 a 14, é vigente uma prática maligna contra inimigos, por meio da osirização de um gato¹⁶:

Pegue um gato e transforme-o em Hesiês¹⁷, colocando seu corpo na água; enquanto o afoga, pronuncie a fórmula sobre suas costas. Esta é a fórmula pronunciada enquanto o afoga: “Venha até aqui, ao meu lado, você que aparece sob o disfarce de Hélios, você, o deus com cara de gato, e contemple sua figura golpeada por seus inimigos fulano e sicrano, para que você possa se vingar deles e realizar tal coisa, pois eu o invoco, espírito sagrado eu manifesto seu poder e sua força contra seus inimigos fulanos, pois eu o conjuro por seus nomes **barba- tbiao bain cbooch niaboathabrab sesengen barpharages. ... phreimi**, levante-se diante de mim, deus com cara de gato, e realize esse ato (Desejo ou pedido) » (Martinez; Romero, 1987 p. 78).

Assim, observa-se que a função do feiticeiro nos Papiros Mágicos Gregos abrange tanto o uso sobrenatural da magia quanto a resolução de conflitos cotidianos, como, por exemplo, vingança contra um inimigo, feitiços amorosos, práticas instrumentais, feitiços para obter bens materiais e rituais mânticos,¹⁸ entre outros grupos de práticas recorrentes nos PGM¹⁹. A magia é utilizada como uma forma específica de poder, e os magos e

¹⁶ Trata-se do Papiro 2391 do Louvre (Mimaut), datado da primeira metade do século V d.C. Editado por C. Wessely, “Griechische Zauber- papyrus von Paris und London”, Denk. Wien. Akad. 36 (1888) (Martinez; Romero, 1987 p. 78).

¹⁷ Hesiês é a helenização da palavra egípcia *hsy* (louvado), que era aplicada aos mortos que já haviam se tornado Osíris (Martinez; Romero, 1987 p. 78).

¹⁸ A palavra "mântica" é derivada do grego antigo "mantike", que significa adivinhação ou profecia. Sua reivindicação é mais modesta e muito mais pragmática; tudo o que ele busca é conhecer o verdadeiro Nome do deus para usá-lo para fins imediatos e, muitas vezes, lucrativos (Martinez; Romero, 1987 p. 32).

¹⁹ Eles não buscam um objetivo específico, mas são polivalentes e, de fato, às vezes levam a rubrica «para todo fim» (Martinez; Romero, 1987 p. 28).

adivinhos oferecem à comunidade e aos indivíduos uma forma de proteção contra os infortúnios do dia a dia (Soares, 2017, p. 159). Dessa maneira, a magia cumpre um papel funcional e adaptativo, atendendo a demandas práticas e reforçando a relevância dos agentes mágicos como mediadores entre o natural e o sobrenatural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre magia na Antiguidade, particularmente revelados pelos Papiros Mágicos Gregos (PGM), oferecem uma perspectiva rica e desafiadora que amplia nossa compreensão sobre as práticas culturais e religiosas do Egito sob domínio romano. Esses textos registram invocações e rituais que demonstram como a magia integrava-se ao cotidiano de uma sociedade multicultural, composta por egípcios, gregos e romanos, funcionando como um mecanismo legítimo de mediação entre o natural e o sobrenatural. Ao explorar os PGM, reconhecemos que, longe de constituir um aspecto marginal, a magia respondia a necessidades concretas — como proteção e prosperidade — e refletia a diversidade cultural do período.

Estudar essas práticas permite uma visão mais abrangente da Antiguidade, revelando a interação entre diferentes tradições e a relevância da magia como elo cultural. Os estudos sobre os PGM mostram como as práticas mágicas incorporavam as realidades sociais e políticas. Reconhecer a magia como uma prática cultural importante desafia a percepção convencional da História Antiga, valorizando a diversidade de experiências e crenças.

Esses estudos também incentivam uma nova abordagem historiográfica, que questiona narrativas etnocêntricas e reconhece a complexidade das práticas sociais antigas. Ao ampliar nosso escopo para incluir a magia e as práticas populares, promovemos uma leitura inclusiva da História, compreendendo as práticas mágicas como uma expressão legítima das sociedades do Egito romano. Os agentes mágicos — magos, adivinhos e *teurgos* — surgem não apenas como intermediários entre o homem e o sobrenatural, mas como figuras sociais e políticas de influência, desafiando a visão reducionista da magia como oposta à religião institucional.

A inclusão de estudos sobre a magia e suas abordagens multidimensionais no ensino de História enriquece a visão dos alunos sobre o passado, permitindo-lhes compreender que essas práticas faziam parte das interações cotidianas. Esse enfoque ensina os estudantes a questionar conceitos de legitimidade e autenticidade religiosa, refletindo sobre como práticas culturais são moldadas pelas necessidades e desafios sociais do contexto histórico. Assim, ao abordar a magia como parte integral das relações culturais e hierárquicas, os estudos promovem um ensino de História que valoriza a pluralidade e desafia o etnocentrismo, preparando os alunos para uma apreciação mais inclusiva e crítica da Antiguidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Evelyne. **A Renovatio Aegyptiaca: a relação entre Roma e o Egito a partir das esculturas egípcianizantes da Villa Adriana**. Doutorado em Arqueologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Biblioteca Depositária: Museu Nacional, 2015.

BANDEIRA, Lenynse Teixeira. **O ritual de psychagōgós (ψυχαγωγός) na Grécia Antiga: exercício de experimentação comparada com documentações textuais e vasos cerâmicos entre os séculos VIII e IV a.C.** Mestrado em História Comparada, Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos - IH/IFCS – UFRJ, 2020.

BETZ, Hans Dieter. **Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

BOCAYUVA, Hariadne da Penha Soares. **Magia e poder no Egito tardio: a emergência dos sacerdotes magos como 'theiōi andres' (séc. III ao V d.C.)**. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

CAMPOS, C, E, C. **As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC-II EC): tradução, análise textual e hábito epigráfico**. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.

CAMPOS, Marcus Silva da. **A Herança Romano-Helenística nas Cartas de Sao Jeronimo**. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, 1992.

CANDIDO, Maria Regina. **Katádesmos: a magia entre os atenienses do Vº ao IIIº século A.C.** Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Biblioteca Marina São Paulo, 2001.

CARDOSO, Patrícia Schlithler da Fonseca. **Voces Magicae: o poder das palavras nos Papiros Gregos Mágicos**. Mestrado em Letras (Letras Clássicas) Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes, 2016.

CASTRO, Beatriz Cerqueira de. **Uma Deusa Peregrina – Trajetórias Literárias do Culto á Ísis Do Egito a Roma**. Mestrado em Letras Clássicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ, 2018.

FESTUGÈRE, André Jean. **La Révélation d'Hermès Trismégiste**, vol. I. Paris: Librairie Lecoffre, 1950.

GRALHA, Julio Cesar Mendonça. **A Legitimidade do Poder no Egito Ptolomaico: cultura material e práticas mágico religiosas**. Doutorado em História Instituição de Ensino: Universidade Estadual De Campinas, Campinas, Biblioteca Depositária: Biblioteca Octávio Ianni - IFCH – Unicamp, 2009.

GRADIM, Cláudia Ribeiro Campos. **Práticas Balneárias no Egito Romano: tradição grega, inovação romana e originalidade egípcia**. Mestrado em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: MAE/USP, 2019.

HOPFNER, Theodor. **Griechisch-Ägyptischen Offenbarungzauber**, vols. I e II. In: Studien zur Palaeographie und Papyruskunde. Leipzig: Verlag J.C. Hinrichs, 1921-1923.

LOBIANCO, Luis Eduardo. **A romanização no Egito: direito e religião (séculos I a.C.-3d.C.)**. Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá/UFF, 2006.

MACHADO, Tamires. **Heka: magia, ideia e personificação; uma análise conceitual dos textos funerários do Egito Antigo**. Mestrado em Estudos Judaicos e Arabes Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: USP, 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. A Arte da Magia e o Poder da Fé. In: _____. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.

MARTINEZ, Luis Calvo; ROMERO, M. Dolores Sanchez. **Textos De Magia en Papiro Griegos**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

NETO, Italo DiBlasi. **Um Deus de Muitas Faces: A crença em Abraxas do ambiente mágico-religioso mediterrânico ao Gnosticismo (sécs. I-IV EC)**. Doutorado em História Comparada Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Marina São Paulo De Vasconcellos, 2017.

NILSSON, Martin P. **Geschichte der Griechischen Religion**. Munique: Beck, 1961.

PEREIRA, Camille Pezzino Goncalves. **Oralidade Grega e Escrita Egípcia: um estudo do mito de Toth no Fedro**. Mestrado em Letras (letras clássicas) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ, 2019.

PREISENDANZ, Karl. **Papyri Graecae Magicae, Die Griechischen Zauberpapyri**, vols. I e II. Stuttgart: Teubner, 1928/1931.

SCARPA, Ana Paula. Os Papiros Mágicos Gregos e seus contextos de produção: outras abordagens possíveis. In: **Caderno de Resumos do I Simpósio Internacional de Estudos de Egiptologia da USP**. FFLCH/USP, São Paulo, Brasil, 2019, p. 10.

SEEHAUSEN, Pedro Luiz Diniz von. **Etnia e Identidade Nas Estelas Funerárias Do Egito Antigo**. Mestrado em Arqueologia, Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Museu Nacional, 2015.

SILVA, Aline de Fátima Sales. **O sentido educativo do mito na formação do homem grego. Mestrado em Educação**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFG, 2009.

SILVA, Guilherme Dias da. **Valério Máximo, Roma e o outro: imagens da Grécia em Roma no século I d. C.** Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: BSCSH, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco e Roma: o mundo grego no Império.** Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: SBD / CAPH, 2007.

SILVA, Semíramis Corsi. A Contribuição da Antropologia para a História da Magia no Principado Romano: um estudo a partir da documentação textual. **Revista Labirinto**, Porto Velho-RO, Ano XIV, Vol. 21, p. 144-171, 2014.

SILVA, Thais Rocha da. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas.** Mestrado em Estudos Judaicos e Arabes Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes, 2013.

SOARES, Hariadne da Penha. A atuação dos magos e adivinhos como theoi andres no Egito tardo-antigo: práticas e rituais de adivinhação nos Papiros Mágicos Gregos (séc. III e IV). **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, p. 147-161, 2017. ISSN: 2318-9304.

TOLFO, Sarah Silva. **Saga manus: gênero e transgressão em praticantes de magia na Roma Antiga.** Mestrado em História. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, 2020.

VASQUES, Marcia Severina. **A religião Isíaca no Egito greco-romano: as estatuetas de terracota.** Mestrado em Arqueologia Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2000.

VASQUES, Marcia Severina. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia.** Doutorado em Arqueologia Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo, Biblioteca Depositária: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2006.